

A Técnica na Perspectiva da *Kulturkritik*: Oswald Spengler¹

Cássia Hack² e Elisa Abrão³

Pensador erudito alemão, obscuro filósofo, historiador e exemplar ensaísta: é assim que encontramos referências a Oswald Spengler (29/05/1880-08/05/1936). Viu na Primeira Guerra Mundial o fim dos tempos do Ocidente como tantos outros pensadores que entendiam certos eventos trágicos e grandes desgraças como prenúncio do desaparecimento da cultura ou queda da civilização em que viviam. Em seu livro “A Decadência do Ocidente” publicado em 1918 profetizou a decomposição do Ocidente em que o autor incitava o público

a ler o passado, compreender o presente e sofrer o futuro. (...). Atormentado com a proximidade da grande guerra que se avizinhava, a de 1914-18, assustado ainda pela orgie technichen denkes ("orgia do pensamento técnico") que se somou à fobia que ele sentia ao die Wirtschaftswelt der Maschinenindustrie ("mundo econômico da indústria maquinista"), acreditou que a cultura ocidental, como uma enorme planta moribunda, estava em vias de sucumbir por inteiro (LUCCHESI, 2000).

O que Spengler fez, assumindo a visão do patriciado germânico, foi interpretar a crise do império alemão guilhermino, derrotado em 1918, como uma crise da totalidade da civilização Ocidental.

Foi um entre os pensadores alemães⁴ que se dedicou a pensar questões acerca da técnica.

¹ Este texto pretende uma síntese da obra *O Homem e a Técnica* (1931) de Oswald Spengler e foi elaborado para a disciplina “Tempo, Técnica e Sociedade” (CSO 7004) ministrada pelo professor Dr. Franz Josef Brüseke no primeiro semestre de 2005 no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

² Licenciada (UFMT) e Mestre em Educação Física (UFSC), Professora da Rede Estadual de Ensino em Cáceres/Mato Grosso. Contato: cassiah@terra.com.br.

³ Licenciada (UFPR) e Mestranda em Educação Física (UFSC). Contato: elisaabrao@yahoo.com.br.

⁴ Karl Marx (no século XIX), Ernst Jünger (*O Trabalhador*, 1923), L. Mumford (*O mito da máquina*, 1953), Arnold Gehlen (*A alma na era da técnica*, 1949) desenvolvem uma visão fortemente negativa da técnica. Martin Heidegger, desde os anos 1930, em obras como “Introdução à Metafísica” (1935), “Nietzsche” (1936), ou “As épocas da imagem do mundo” (publicada em “Caminhos do Bosque”, 1950) já chamava a atenção para a centralidade da técnica na sociedade moderna. Seu importante texto de 1953 intitulado “A questão da técnica” apresenta sua interpretação da “essência” da técnica como “desocultamento” e sua visão da técnica moderna como “Ge-stell” (armação, dispositivo). Martin Heidegger também influenciou pensadores como

Spengler em sua obra *O Homem e a Técnica*, publicada em 1931, apresenta a história do homem⁵ desde sua origem procurando compreender seu destino, sendo para isso, necessário considerar comparativamente todas as esferas da sua ação. Depreende-se que Spengler tinha uma trágica visão histórica na qual as culturas e civilizações, pelos tempos a fora, cumpriam um inevitável roteiro de ascensão, apogeu e declínio, desaparecendo na poeira. O autor era ainda um organicista, acreditava que as construções humanas, as civilizações, eram ditadas pelas mesmas regras fixas que a natureza fixara para as plantas.

O autor apresenta vários fatos históricos ocorridos nos séculos XVIII e XIX que engendraram as bases para que no século XX a história universal fosse vista como um problema. Permeando estes fatos históricos destacamos os questionamentos fomentados sobre o sentido e valor da cultura e o ceticismo fundamental no século XVIII como também no século XIX as questões sobre a técnica e sua relação com a cultura e história.

A técnica sempre permeou, de uma certa maneira, os estudos dos filósofos. Quando começou a ser questionada com mais seriedade buscou-se entender o significado e sentido histórico da técnica. Frente as múltiplas respostas para o significado e sentido da técnica Spengler destaca duas respostas como fundamentais, porém ultrapassadas frente as possibilidades do século XX.

A primeira desprezava um pouco as realidades técnicas e os assuntos econômicos sendo estes considerados inferiores a ‘cultura’ tendo como referência deste pensamento, para Spengler, o autor Goethe. “Mas logo nasce, com Guilherme von Humboldt, uma certa concepção da história, afastada das realidades, segundo a qual o valor de uma época histórica se definia em função da quantidade de livros e de quadros que nela eram produzidos” (SPENGLER, 1931, p.36). Parecia existir uma valorização das manifestações culturais artísticas compreendendo-as como a ‘verdadeira cultura’ e afastando-se um pouco do sentido da realidade como também não valorizavam as relações econômicas e políticas.

Karl Jaspers e Hannah Arendt. O tema da técnica também é central no campo do neo-marxismo com a “Teoria Crítica da Sociedade”, especialmente com as obras de Adorno e Horkheimer (*A Dialética do Esclarecimento*, 1947), Herbert Marcuse (*O homem unidimensional*) e Jürgen Habermas (*Técnica e ciência como ideologia*, 1968). (In.: http://www.socitec.pro.br/autores_ref.htm).

⁵ A categoria Homem, utilizada pelo tradutor, no original (*Mensch*) tem o significado correspondente a Ser Humano na língua portuguesa, assim preserva-se o termo da tradução sem prejuízos.

Outro pensamento estava entrelaçado ao florescimento do materialismo na primeira metade do século XIX, que permitiu observar um otimismo vulgar diante da máquina. Objetivava aliviar o indivíduo de todo o trabalho possível transferindo-o para a máquina, ou seja, depositando na evolução técnica concretizada nas máquinas a esperança de igualdade nos ócios, liberação da miséria, o fim da escravatura assalariada, conforto e deleite artístico. Entrelaçado a esta esperança era proclamado e anunciado o pão e circo ao povo mesmo diante da decadência que estava ocorrendo nas grandes cidades naquele momento. Parece ter depositado uma esperança nas máquinas que diminuiria o trabalho humano possibilitando a este realizar outras atividades na esfera do lazer, do prazer, experiências estéticas entre inúmeras manifestações possíveis pelos seres humanos. "No lugar da autêntica religião de épocas passadas, instala-se a obsessão pelas 'conquistas da humanidade', considerando como tais conquistas exclusivamente os progressos da técnica, que poupavam trabalho e permitiam o divertimento. Da alma, nem se falava." (SPENGLER, 1993, p.37). Essas crenças, em sua grande maioria, não pertenciam aos inventores e aos que detinham o conhecimento sobre os problemas técnicos mas sim nos espectadores que procuravam no progresso da técnica benefícios próprios.

Spengler ao apresentar o conceito de técnica, que pode ser entendido como tática de vida, nos faz percorrer a própria história do homem. Apesar de nos fazer refletir sobre esta história, mostra que para compreender o essencial da técnica é necessário ultrapassar o âmbito da vida do homem atingindo a esfera da vida animal. Para o animal em sua luta de vida com relação à Natureza circundante "a técnica é a tática da vida inteira. É a forma íntima do comportamento em luta, o que é idêntico à vida em si" (SPENGLER, 1931, p.40). Com sua livre movimentação os animais estabelecem relações com a Natureza circundante. Estas relações que podem ser superiores e inferiores se darão na própria luta que decidirá o destino do animal.

Para o autor a técnica não deve ser entendida somente como a fabricação de coisas, mas também o manejo delas. Muitas técnicas não precisam de utensílios para serem executadas, como o exemplo descrito por Spengler, da diplomacia ou administração pública, técnicas que consistem em manter a integridade formal e funcional do estado durante os processos de luta política. "Na realidade, toda a confrontação com um problema gera a necessidade de criar técnicas adequadas (...) a técnica é sempre a resultante de um

comportamento interessado, dirigido a um objeto, e nunca uma questão de coisas ou objetos” (SPENGLER, 1931, p.41). A criação de técnicas adequadas permeia um determinado processo no qual existe sucessivas congeminações dirigidas e suscitadas para a criação de técnicas.

As necessidades da luta da vida nos fazem criar técnicas. No processo histórico do homem a arma mais antiga, a astúcia, entrelaça as construções das máquinas com que nos impomos à Natureza. Parece que a capacidade humana atribuída a alma, as quais Spengler apresenta como ponto de partida para descobrir o significado da técnica, possibilitou de uma certa maneira a partir da astúcia, como arma primeira e primitiva, o desenvolvimento das técnicas permitindo a construção das máquinas e de uma certa maneira, nossa imposição diante a Natureza. Os objetivos ditos da ‘humanidade’, mas que podemos identificar como dos habitantes das grandes urbes, ou melhor, as ‘elites cultas’ das urbes, acreditavam no progresso como lema e não pensavam qual seria o fim deste objetivo, pois “todo ser humano realmente criativo conhece e teme o vazio que segue à conclusão da obra” (SPENGLER, 1931, p. 42). Desta forma o homem difere do animal, pois “seu pensamento está liberto das cadeias do aqui agora, projeta as suas reflexões para ontem e o amanhã e a sua imaginação dá-lhe um conhecimento antecipado da morte. É em função da profundidade ou superficialidade de sua natureza e da sua concepção cósmica que triunfará ou não desse temor inspirado pelo fim” (SPENGLER, 1931, p.42). A transitoriedade dos seres vivos é, em uma certa medida, negada pelos homens como também toda evolução implica em consumação (fim). Frente a esta realidade o autor questiona: “nestas condições, que valor podem assumir as profundas e inúteis alusões às ‘eternas conquistas da humanidade’?” (SPENGLER, 1931, p.43).

A história universal como a história do homem parece afastada do real, pois mesmo a história da espécie humana é ainda muito breve. A história de cada homem é repleta de força e grandezas trágicas das quais nos percebemos como centrais ao ponto de consideramos nossa história como universal. Cada homem além de ser inserido num pequeno instante dentro do turbilhão cósmico é também inserido na história universal em um determinado século com seus determinantes sociais. O que para Spengler indicaria a não existência de ‘homem em si mesmo’ como as filósofos se ocupavam mas “existem, sim, homens de uma época, de uma localidade, de uma raça, com a sua índole congênita

individual, que se defrontam, em luta, com um certo mundo, triunfando ou sucumbindo, enquanto o universo circundante prossegue o seu curso com uma indiferença quase divina” (SPENGLER, 1931, p.44-43). E o homem que existe luta pela vida que brota da vontade pelo poder.

“O homem é um animal predador” (1931, p.49), a partir desta frase Spengler parece apresentar a natureza do homem como essencialmente predadora. Diferente das plantas e dos herbívoros a vida dos predadores consiste em matar e a sua vida é agressiva, dura, cruel e destruidora. De uma certa maneira o homem por ser predador impõem seu poder sobre a vítima e isto lhe confere em alguma medida autonomia em relação aos outros.

As diferenças existentes entre os predadores e os herbívoros, para além das táticas de movimentação, estão nos órgãos sensoriais os quais são os mediadores das relações com o mundo circundante, ou seja, são pelos órgãos dos sentidos que ocorre a apreensão do mundo. Os animais predadores superiores são dominados pela visão, que permite fixar os olhos em uma mira ou meta e desta forma fascina a presa.

No olhar do inimigo está já, para a vítima, o destino inelutável, o salto que nos momentos seguintes se fará. A convergência dos olhos, dirigidos para frente e colocados paralelamente, equivale à *concepção do mundo*, tal como ela se apresenta para o homem – a percepção de *uma imagem*, de algo que estende perante o olhar (SPENGLER, 1931, p. 53).

Por esta convergência do olhar parece que o mundo circundante é ‘dominado’ pelo olhar o que engendra uma certa autonomia nas relações dos animais predadores com este mundo circundante. “O mundo, esse assim, é a presa; neste facto reside, em última análise, a fonte de toda cultura humana” (SPENGLER, 1931, p.54). A cultura humana parece emergir da busca do homem - que é um animal predador – em dominar o mundo circundante como uma presa que lhe aparece diante dos olhos.

Na relação do animal predador com o mundo circundante mediadas pelos órgãos dos sentidos permeia misteriosamente uma índole. A superioridade inata dos animais mais fortes parece ter alcançado a índole anímica a qual parece conservar resquícios do divino no corpo vivo.

Aquilo que nós, os homens, pensamos ser a alma – em nós como nos outros – é o polo oposto do mundo luminoso que nos rodeia, para o qual o pensamento e o sentimento humano gostam também de encontrar e atribuir uma *alma cósmica*. E a alma terá um mais nítido contorno e uma rija têmpera quanto mais solitária fôr o ser e mais resolutamente constituir um mundo para si, oposto ao mundo circundante (SPENGLER, 1931, p.54).

Ao encontro deste pensamento os animais herbívoros seriam mais fracos e na busca por alcançar a firmeza da alma procura a quantidade e de uma certa forma ficariam com mais dependências do mundo circundante. Já os animais predadores por apresentarem menos necessidades dos outros são mais fortes e inimigos de todos. Para o autor é aqui que vamos encontrar a idéia verdadeiramente autêntica de Propriedade. “A propriedade é o domínio onde se exerce um poder sem partilhas, e ilimitado, ganho em combate, definido contra os semelhantes, vitoriosamente salvaguardado. Não se trata apenas de direito de uma mera posse, mas sim do soberano direito de dispôr” (SPENGLER, 1931, p.54). Frente a isso percebemos duas éticas: a dos herbívoros e carnívoros as quais não podemos alterar, pois compreendem a natureza essencial, ou seja, são inerentes a cada um.

Spengler cita Darwin e Shopenhauer por apresentarem a idéia do conflito existente entre a natureza exterior e interior na luta pela vida como fatalidade, triste destino. O autor contrapõe esta idéia apresentando que o verdadeiro sentido não é um simples destino “mas o nódulo que dá nobreza e significado à vida. *Amor fati*, como dizia Nietzche. È a esta categoria de seres activos que pertence o Homem” (SPENGLER, 1931, p.55). Deparamo-nos com uma essência predadora do ser humano e uma ética longe de ser sinônimo de bom, pois seria a ética dos animais predadores.

O homem é um animal predador que aspira o domínio. O que difere o homem dos animais é a diferença existente entre as técnicas dos animais e do homem. A técnica dos animais é inerente à sua espécie, não se aprende nem aperfeiçoa, não é inventiva e são invariáveis, ou seja, instintivas.

A sua actividade é (...) uma obscura e inconsciente resposta a instigações, todas elas da mesma ordem, comum a muitos outros tipos de vida. É, pois, uma característica da espécie e não do ser singular. A técnica da espécie, consequentemente, não só é invariável como impessoal (SPENGLER, 1931, p.57).

A técnica do homem é independente da espécie como também é “criativa, consciente, mútavel e pessoal e isto descreve para Spengler a grandeza do homem e... sua fatalidade” (BRÜSEKE, 2005, p.4), ou seja, o homem é criador de sua própria técnica vital e como afirma Spengler (1931, p.58) “a forma íntima da sua criatividade chama-se cultura; ter cultura, criar cultura, padecer pela cultura. As criações do homem são expressões, em forma pessoal, da sua existência”.

Indagando a existência do homem Spengler questiona a origem deste e afirma “o homem se fez homem graças à mão” (SPENGLER, 1931, p.61). A mão possibilita que o homem identifique objetos no espaço. Unida com a visão do predador que teoricamente apreende o mundo a mão que pode ser entendida como órgão tátil domina na prática o mundo circundante.

A aparição da mão para Spengler foi súbita contrapondo-se a idéia evolutiva Darwinista. A história universal processa-se de mutação em mutação a qual modela toda a espécie sem uma causa definida. Concomitantemente com a mão, surge o utensílio, pois para a mão ser uma arma exige uma arma.

O homem e somente ele como predador escolhe, fabrica suas armas segundo suas intenções pessoais adquirindo uma superioridade nas lutas com seus semelhantes, com outros animais ou contra a Natureza.

Eis o que libertou o Homem da coacção da espécie, o que dele fez um fenómeno ímpar em toda a história dos seres vivos do nosso planeta. Foi assim que o homem deveio Homem. A sua vida activa libertou-se gradualmente das condições do seu corpo. E embora persista o instinto da espécie em toda a sua energia, o pensamento, a acção dimanada da reflexão, breve se separaram e ganharam a sua autonomia em relação à espécie. Essa autonomia instituiu-se com a liberdade de cada um escolher e confeccionar as suas próprias armas em função da sua habilidade, do seu raciocínio (SPENGLER, 1931, p.64).

Frente às inúmeras possibilidades pela mão, arma e pensamento o Homem deveio um criador. Esta característica torna justificável classificar a breve história do Homem de ‘história Universal’ e considerar seu ambiente como ‘Humanidade’ entendendo o restante da Natureza como pano de fundo, objetivo e meio.

Spengler apresenta a alma humana como solitária, impregnada da sensação do poder ilimitado proporcionado por essa mão cerrada, pronta para agir; uma alma inimiga de

tudo, que mata, odeia, que está disposta a vencer ou a morrer. É a alma de um ‘rebelde’ que se firma numa oposição intransigente face a todo o mundo circundante.

Ela conhece o deleite embriagante proporcionado pela faca, ao penetrar, o corpo do inimigo, ou pelo cheiro do sangue, invadindo seus sentidos triunfantes. Todo o ‘homem’ autêntico, mesmo o que vive nas cidades em períodos de maturidade das culturas, sente de vez em quando, no seu íntimo, os ardores dessa alma primitiva (...) nela se patenteia o orgulho devorador de se saber temido e admirado, odiado por sua ventura e poder, nela se evidencia o impulso para o exercício da vingança contra todos aqueles, seres animados ou inertes, que constituem, pelo simples facto de existirem, uma ameaça a esse orgulho” (SPENGLER, 1931, p.68).

A alma vai afastando-se progressivamente da natureza à medida que vai progredindo. Suas armas não são naturais, são nascidas do artifício. Todos os processos técnicos humanos são artifícios e tem ultrapassado os limites da natureza. Compondo a história universal está a cisão fatal entre o Homem e o Universo. O homem com sua alma rebelde é capaz de levantar a mão contra sua própria mãe. Porém depende da natureza pois seu seio tudo engloba. “A luta contra a Natureza é uma luta sem esperanças; apesar disso, o homem irá prosseguir nela até ao fim” (SPENGLER, 1931, p.69). Assim inicia a tragédia humana, pois a Natureza é indubitavelmente mais forte.

Na continuidade de suas reflexões o autor apresenta o segundo estágio da origem do homem: linguagem e empreendimento. Afirma ter ocorrido uma autêntica mutação com a qual “um novo mundo de ideias e processos técnicos se instala” (SPENGLER, 1931, p. 73). A mudança não foi dos equipamentos e sim no próprio homem, ou melhor, indica que essa transformação é anímica, pois é na alma o ponto de partida para podermos descobrir a história do homem. Propõem que reside esta transformação na Ação Coletiva Combinada. “Os novos processos técnicos prolongam-se por extensos períodos, por vezes atingindo vários anos (...) deste modo, a acção subdivide-se em actos distintos, ordenados: as pessoas juntam-se em grupos de actividades desenvolvendo-se paralelamente” (SPENGLER, 1931, p.75). Para que as ações coletivas combinadas fossem praticáveis era necessária a existência da linguagem a qual o autor afirma ter nascida nesta mesma época.

Para abordar a linguagem o autor inicia questionando o que é falar. Conceitua falar como um processo destinado à transmissão de informações, esclarecimentos entre os

homens. A palavra e a linguagem são a expressão abstrata deste processo e “essa forma interior deve instituir-se como um bem comum, e ainda beneficiar de uma certa constância e perenidade, para que seja realmente possível comunicar informações por seu intermédio” (SPENGLER, 1931, p. 76). E afirma que a linguagem nasceu do diálogo e as frases da conversação entre diversas pessoas sendo sua finalidade primeira desencadear uma ação em conformidade com uma intenção e com o tempo, o lugar e os meios disponíveis.

A linguagem, como elo entre diversas pessoas, foi adquirindo a sua forma interior – gramatical – através da prática da execução dos ‘empreendimentos’. Inversamente o hábito de empreender foi-se disciplinando e aperfeiçoando graças ao concomitante aperfeiçoamento dos processos mentais vinculados às palavras, à linguagem” (SPENGLER, 1931, p. 79).

O pensamento nos primórdios da linguagem brotava das necessidades práticas como derivantes das ações coletivas combinadas que podemos designar como empreendimento.

O falar é um ato de matriz intelectual e deixou de exigir a relação original da imediata ligação à atividade física. Desta forma da linguagem emergem as meditações puramente intelectuais acerca das coisas, como o cálculo que consiste em “saber reconhecer que um todo, uma acção composta de partes unidas e coordenadas, produz tanto quanto a acção de um ser gigantesco”(SPENGLER, 1931, p. 80). O homem na busca de aumentar sua superioridade para além das limitadas forças físicas irá sacrificar uma parte da sua liberdade pessoal.

A História, contudo, não permite que se recue um só passo. O tempo, logo, a Vida, são irreversíveis. Uma vez adaptado à acção coletiva e aos seus êxitos, o Homem vai entregar-se inteiramente às suas consequências fatídicas. O Empreendimento ocupa-lhe, mais e mais, a sua actividade vital, absorve gradualmente a sua vivência anímica. E assim se tornou o Homem em escravo do seu pensamento (SPENGLER, 1931, p.81).

Ocorre um aumento da artificialidade dos processos nos quais a utilização pessoal é separada das ferramentas do empreendimento comunitário. No empreendimento a ‘formulação dos projetos e a sua execução’ passam a ser elementos distintos – trabalho de chefia e trabalho de execução - que constituirá o quadro técnico fundamental da vida de

todos os seres humanos. “Podemos, sem dúvida, aceitar que tudo é artificial, contrário à Natureza. Mas isto é, precisamente, o que constitui a Cultura” (SPENGLER, 1931, p. 85).

Spengler, no seu *continuum* histórico, enuncia o fim da ‘cultura da mão armada’ que deixa marcada a espécie humana; expõe que, com as ‘culturas baseadas na Linguagem e no Empreendimento’ inicia o “conflito anímico entre a personalidade e a ‘massa’, o conflito entre o ‘espírito’ sedento de poder e a vida por ele violentada”. (SPENGLER: 1931 p.95). Diferencia os “povos não evoluídos e primitivos”⁶ das “culturas superiores” que aparecem na história a partir do ano 3000 A.C..

Os cursos vitais das épocas destas culturas superiores se constituem mais tarde na organização social das cidades construídas em pedra, “habitação para uma vida completamente artificial, divorciada da mãe-terra, totalmente anti-natural” (SPENGLER, 1931 p.96). Na cidade nasce a sociedade com sua hierarquia de classes (nobreza, clero e burguesia) que institui uma divisão artificial na convivência⁷.

Aponta para uma evolução cultural com essência exclusivamente intelectual. Sociedade em que reina o luxo, situado quanto uma “cultura na sua forma mais plena de pretensões” (SPENGLER, 1931 p.96). Assinala as artes enquanto possibilidade quando a riqueza econômica concentra-se em poucas mãos, visto que o empobrecimento gera uma “indigência espiritual e artística. É neste sentido que os progressos técnicos que amadurecem nessas culturas são também luxos espirituais, (...) de uma crescente artificialidade e intelectualidade.” (SPENGLER, 1931 p.97).

Detém-se na cultura Fáustica, “a última, é decerto a mais poderosa, a mais vibrante, e ainda a mais trágica, que tenta a compreensão do todo, e a sua alma, profundamente desenraizada” (SPENGLER, 1931 p.97). É nesta cultura que se acirra o combate entre Natureza e o Homem, em que este quer dominar e escravizar aquela. “Homens (...) autênticos predadores, cujas almas fortes tentam o impossível (...) o ilimitado e o infinito (estão) no centro dos seus objetivos” (SPENGLER, 1931 p.98). Ainda que as duras condições de vida (clima: frio e privações contínuas) tenham transformado estes homens em ‘raças rudes, com intelectos argutos’.

⁶ Destes povos só há “vestígios do seu material humano, ruínas de formas outrora espiritualmente plenas, cinzas onde já não brilham as chamas ardentes do nascimento e da morte”. (SPENGLER, 1931 p.95)

⁷ Segundo Spengler, a divisão natural é: fortes e fracos, astutos e estúpidos (1931 p.96).

Dividem-se em duas classes: nobreza e clero. A primeira vive no mundo dos fatos, em que o intelecto lhe é por servo; o segundo, no mundo das 'Verdades', em que sua vida está a serviço do intelecto. O primeiro conquista o mundo geográfico e o segundo, encaminha as conquistas no mundo dos problemas técnicos e físicos. Nesta cultura "cada teoria é desde logo e também uma hipótese de trabalho" que não precisa ser verdade, mas "útil, quando posta em prática.". (SPENGLER, 1931 p.100).

Quanto à natureza, esta além de saqueada em suas riquezas materiais, devia ser "submetida e subjugada para multiplicar, com sua energia escravizada, o poder do homem" (SPENGLER, 1931 p.102). Assim, é o próprio Universo a presa deste homem predador. E continuam os processos técnicos na tentativa de dominar as forças inorgânicas para que estas executem todo o trabalho, substituindo homens e animais "e a 'crença na técnica' tende a transformar-se numa religião materialista" (SPENGLER, 1931 p.104) em que a técnica é imortal e eterna como Deus.

Assim, "a paixão que impulsiona o inventor não tem qualquer relação seja de que ordem for, com as conseqüências da sua invenção. Essa paixão é a sua razão pessoal de viver, a sua ventura ou desventura pessoal." (SPENGLER, 1931 p.104). Ainda que o progresso técnico modifique e acarrete danos ao ambiente natural, afetando as suas populações, nem um inventor deixa de inventar ou calcule conseqüências de seu invento, pois isto não é da natureza do homem predador, que localiza prazer no triunfo da sua obra em funcionamento, que as massas, não compreendem apenas assistem "e sofrem as conseqüências, sejam elas quais forem." (SPENGLER, 1931 p.105).

O domínio da natureza se dá numa ampliação da capacidade do "maquinário" dos empreendedores e inventores, visto que "a força de um homem é insignificante, logo desprezível." (SPENGLER, 1931 p.105). Cresce então perigosamente a tensão anímica entre os grupos de quem manda e dos que são mandados. "Os homens já não são capazes de discernir nem de compreender que o trabalho dos chefes é o mais difícil, que a sua vida é tributária do trabalho e do sucesso desses chefes" (SPENGLER, 1931 p.106-107). O que antes era um trabalho organizado coletivamente num sentido de camaradagem, em que o trabalho de cada um retornava positiva e visivelmente ao grupo, agora há um trabalho alienado, em que cada um não sabe e não vislumbra a obra como um todo e assim não localiza o seu trabalho.

Spengler (1931 p.107) diz que a técnica mecanicista nasceu “por necessidade interior, por necessidade da alma, caminha para a sua plenitude, para o seu término”. E sua trágica visão histórica prevê o fim, “a tragédia caminha para o seu desenlace”. Como um dia o homem subjogou a natureza, criou a máquina, esta agora se volta contra ele. “O triunfador, abatido, é condenado a morrer espezinhado pelo galope de seus cavalos.”

Já no início do século XX, identifica que o poder político está na riqueza, fruto do poder industrial, que depende de recursos naturais, que possibilita armar-se militarmente e garantir a soberania. Ao contrário, povos industrialmente pobres “representam peões no tabuleiro da política de seus adversários (...) (visto que) os chefes, os poucos cérebros criadores, não perderam o sentimento secular do predador” (SPENGLER, 1931 p.109).

Uma questão que Spengler aponta é o alcance limitado acerca das conseqüências do processo técnico. Por causa do homem, outras espécies estão em vias de extinção. “O mundo artificial invade o mundo natural, envenenando-o gradualmente” (SPENGLER, 1931 p.110). O pensamento técnico ‘quer’ realizar, seja viável ou absurdo, não enquanto necessidade vital, mas espiritual e intelectual.

A máquina não cumpre o objetivo inicial de fazer todo o trabalho e por vezes se mostra contraditória com a prática econômica e social. Exemplo disto é o “automóvel, devido à sua proliferação, anulou o seu próprio valor utilitário; já nos deslocamos mais depressa a pé” (SPENGLER, 1931 p.111). Mas a técnica permite a construção da máquina, o que de certa forma, implica na necessidade do homem em fabricá-la continuamente.

Percebe a fuga dos ‘cérebros’ perante a máquina. Estes reorganizam a vida ‘de forma mais simples e próximos da natureza’ e na esfera do lazer e dos esportes. “Mesmo que não se dê uma diminuição, um simples estado de estagnação é já perigoso, constitui um sinal precursor do fim, por muito numerosas e treinadas que possam ser as Mãos para o trabalho.” (SPENGLER, 1931 p.114). Assim, aponta o declínio gerado pelo não interesse dos cérebros ante a técnica o que ocasiona outras providências.

Acontece no final do século XIX, que “a cega Vontade de Domínio começa a cometer erros cruciais” (SPENGLER, 1931 p.116) e os povos brancos oferecem aos outros povos as suas técnicas. O fenômeno da descentralização das indústrias acarretou regimes economicamente diferenciados de trabalho entre os povos e os que se apropriaram das técnicas dos povos brancos compreenderam os seus segredos e demonstraram um uso

superior. Assim “começa a vingança do mundo explorado sobre os seus senhores” (SPENGLER, 1931 p.117) e os outros povos desenvolvem essa técnica, por vezes, com melhoria considerável.

Por fim, Spengler (1931 p.118) diz que “só o homem Fáustico pensa, vive e sente nas suas formas. Para ele, isso é uma necessidade espiritual, não uma mera resposta a necessidades econômicas; são as vitórias que essa técnica propicia aquilo que realmente conta”. Esta técnica mecanicista desaparecerá com a Civilização Fáustica, ignorando, porém, quando e como visto que a “decadência de uma uma cultura (e a mais imponente de todas) não resulta da técnica, mas da alma humana” (BRÜSEKE, 2005, p.4). Assim, resta viver como a “*Escolha de Aquiles*: mais vale uma vida breve, plena de acção e brilho, que uma vida longa mas vazia.” (SPENGLER, 1931 p.119).

Referências:

BRÜSEKE, FRANZ JOSEF. Ética e Técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Jünger, Heidegger e Jonas. *Socitec E-prints*. Florianópolis. v.1 n.3 p. 1-19 Maio/2005. Disponível em http://www.socitec.pro.br/e-prints_03_etica_e_tecnica.pdf. Acesso em 23 junho 2005.

LUCCHESI, MARCO. Oswald Spengler: uma poética da História. *Agulha Revista de Cultura* n. 4/5. Fortaleza/São Paulo, novembro de 2000. Disponível em <http://www.secrel.com.br/jpoesia/ag4spengler.html>. Acesso em 08 abril 2005.

SPLENGER, OSWALD. *O homem e a técnica*. Lisboa: Guimarães, 1993.

Filosofia da Técnica. Disponível em http://www.socitec.pro.br/autores_ref.htm. Acesso em 13 maio 2005.

O Declínio do Oeste. Disponível em http://www2.uol.com.br/circuito/secoes/paul_samuelsan_declinio_do_oeste.htm. Acesso em 23 junho 2005.